

Rosa Maria Torres, no texto "Melhorar a qualidade da educação básica?", compartilha com outros autores do livro a visão de que, embora as recomendações do Banco sejam apresentadas como conclusivas e como resultados de pesquisa científica, sua conceituação e fundamentação são bastante débeis. A autora procura demonstrar que o modelo educativo proposto pelo Banco não atende a uma "melhoria da qualidade e eficiência da educação escolar", mas acaba reforçando a má qualidade do sistema. Isso não se deve somente ao conteúdo e à natureza das propostas em si, mas também aos contextos e às condições de recepção, de negociação e de aplicação nos diversos países.

As propostas de Rosa Maria Torres para a elaboração de um novo modelo educativo enfatizam, entre outras, a necessidade da formação docente, da melhoria de suas condições de trabalho e de um novo currículo com modalidades mais participativas e que supere a visão fragmentária e de curto prazo das reformas tentadas no passado.

O reconhecimento da necessidade de intervenção crítica dos atores locais no cenário atual da política educativa é um chamado à reflexão que vários dos autores do livro fazem aos leitores. Em especial Marcos Arruda, em seu artigo "ONGs e o Banco Mundial: é possível colaborar criticamente?", examina as potencialidades dos organismos não-governamentais na colaboração com o Banco Mundial e no acompanhamento crítico da suas políticas.

A análise das diretrizes do Banco para o trabalho com as ONGs e as estratégias

de intervenção desses organismos é especialmente importante quando constatamos que é cada vez maior o número de ONGs que possuem recursos do Banco Mundial para financiar projetos de interesse comum. Cabe perguntarmos, sugere o autor, se "é possível que as ONGs colaborem com o Banco Mundial mantendo sua postura crítica, e é possível ao Banco tolerar críticas das ONGs com as quais colabora?" (Arruda, p.42).

O autor alerta, no caso do Brasil, para a importância de que as ONGs tenham em conta que, se a colaboração das mesmas se limitar a intervenções estritamente nos projetos, e em particular na sua implementação, estarão se arriscando a apresentar uma imagem pública de validação da diretriz macrosocioeconômica de cunho meramente compensatório do Banco Mundial e do governo. Só uma estratégia de ação e pressão em diversas frentes pode dar um alcance abrangente à colaboração entre ONGs, governo e Banco Mundial.

Sem dúvida, o livro *O Banco Mundial e as políticas educacionais* cumpre com seu objetivo de divulgar um conjunto de informações necessárias para entender a realidade educacional nacional e internacional, e fazer uma análise crítica do modelo educativo proposto pelo Banco Mundial para o próximo milênio, modelo legitimado por governos e setores da sociedade civil de muitos países de América Latina.

Nora Krawczyk  
Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo

### FORMAS E REFORMAS DE LA EDUCACIÓN

Santiago (Chile) — Revista trimestral do PREAL  
N. 1, 1996

O PREAL (Programa de Promoción de la Reforma Educativa en América Latina) é um projeto desenvolvido pela CINDE (Corporación de Investigación para el Desarrollo) e El Diálogo Interamericano. Tem financiamento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), do IDRC (Canadian International Development Research Centre), da USAID (U.S. Agency for International Development) e da General Electric Fund.

O primeiro número da revista *Formas e Reformas de la Educación* explicita que o objetivo do PREAL é promover um diálogo regional sobre os sérios problemas da educação latino-americana e favorecer um amplo debate sobre políticas que permitam fazer frente aos problemas identificados.

Além da apresentação e do sumário, a revista está organizada nas seguintes seções: colunas estáveis, exemplos de reforma, artigos diversos, resenhas bibliográficas e informes gerais. Em "colunas estáveis" há espaço reservado para divulgação de programas dos Ministérios de Educação de países da América Latina. No primeiro número, Cecilia Braslavsky discorre sobre aspectos da reforma argentina. José Mindlin colabora na seção "O que se espera da educação", resumindo o ponto de vista de empresários brasileiros. Em "Exemplos de reforma" são divulgadas duas experiências chilenas: um programa de melhoria da qualidade de escolas multisseriadas rurais e a implementação — em uma escola — de projeto de ensino técnico baseado no modelo alemão de integração

escola-empresa. Em "artigos diversos", há reprodução de texto da revista *Business Week* "A educação é o negócio da empresa" e artigo de Patrício Dooner sobre imaginação e participação como elementos pedagógicos adequados para formação dos alunos para a sociedade competitiva do século XXI.

Em "Resenhas", são resumidos dois textos que discutem a centralização e a descentralização educativa. A seção "Preal informa" dá notícias de Seminários organizados na América Latina em torno do tema das reformas e faz um balanço dos progressos do PREAL no continente. Nesta última parte, é destacado que "o ingresso do PREAL no Brasil se produz em situações ambientais muito favoráveis porque a agenda do PREAL coincide com a agenda política do Ministério de Educação".

A revista é distribuída gratuitamente e o endereço é o seguinte: Santa Magalena 75, piso 10, Oficina 1002, Santiago — Chile. Email: preal@reuna.cl

### CONTEMPORANEIDADE E EDUCAÇÃO

A Atualidade da Escola de Frankfurt

Vanilda Paiva (org.)

Rio de Janeiro — Instituto de Cultura e Educação Continuada

N.0, v.1, set. 1996

A revista *Contemporaneidade e Educação*, que se inicia com este número, é uma publicação do Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), criado em 1993 no Rio de Janeiro.

Embora definida como uma revista de Ciências Sociais e Educação, cada volume pretende fazer a conexão entre a educação e as ciências da sociedade, ainda que os artigos nela incluídos não

se atenham exclusivamente a essa relação. Podem dizer respeito a aspectos específicos das ciências sociais e da filosofia bem como a questões puramente educacionais. O periódico está aberto à colaboração de pesquisadores das áreas contempladas pela intersecção que deve constituir a tônica da revista.

#### EDUCAÇÃO E TRABALHO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: LEITURAS SELECIONADAS

Lúcia Bruno (org.)

São Paulo: Atlas, 1996, 204 p.

Identificar e compreender o processo histórico do qual participamos é uma tarefa urgente mas nem sempre fácil. *Educação e Trabalho no capitalismo contemporâneo*, organizado por Lúcia Bruno, é mais uma colaboração na realização desta tarefa.

Temos identificado, pela observação ou vivência, uma série de mudanças carregadas de conseqüências para o presente e o futuro da nossa sociedade: o uso generalizado da microinformática e da microeletrônica, a globalização da economia, a reestruturação do capitalismo e do mundo do trabalho, o desemprego estrutural. As interpretações sobre o significado destas transformações têm, entre outras coisas, norteadas a adoção de políticas, programas e formas de financiamento da Escola. Os artigos deste livro apresentam, sob diferentes pontos de vista, um enriquecimento na compreensão desse aspecto do processo de mudanças.

Nicolau Dowbor analisa, em seu artigo, as potencialidades e limites do emprego da informática e da constituição de uma "sociedade do conhecimento". Pedro Roberto Jacobi coloca os problemas da integração social e dos direitos sociais neste contexto de transformação da atuação dos Estados nacionais. Dalila de Andrade Oliveira analisa os limites da

transposição dos critérios modernos de gestão da economia privada (como a qualidade total) para a educação. No seu artigo, Lúcia Bruno articula teoricamente a relação entre Educação, qualificação e desenvolvimento econômico apontando para os problemas desta conjuntura atual. Carmen Silvia Vidigal retoma historicamente a questão da qualificação profissional em São Paulo/Brasil. Elenice Monteiro Leite, com base em pesquisas realizadas em empresas que adotam tecnologia de ponta, aponta as expectativas dessas quanto a qualificação e formação dos seus possíveis trabalhadores. E por fim, Afrânio Mendes Catani aborda a bagagem intelectual possível que poderia ser oferecida aos secundaristas para prepará-los para o mundo que se insinua.

Os artigos são claros, atuais e críticos. A função da Escola, como mostra a obra, não se limita a qualificação para o trabalho, mais que isso, a inserção do jovem na sociedade está intimamente ligada com a realização das potencialidades da Educação. Essa leitura é tão útil àqueles que pesquisam os temas abordados, como o é a todos os educadores e estudantes da área, preocupados com as questões mais abrangentes que envolvem a sua atuação profissional.

#### DILEMAS DE UM FINAL DE SÉCULO: O QUE PENSAM OS INTELECTUAIS

Célia Razão Linhares, Regina Leite Garcia (orgs.)

São Paulo: Cortez Editora, 1996, 216 p.

O livro rejeita o pensamento hegemônico conservador neoliberal sem acatar a rigidez de posições marcada pela esquerda, levando a concluir que as duas visões polarizadas não contribuem para a melhor compreensão do que se passa na realidade do mundo contemporâneo. Ao catastrofismo deve-se contrapor a História que sempre avançou provocada por desafios e novas possibilidades.

O texto é fruto de sete entrevistas realizadas por duas pesquisadoras brasileiras com intelectuais europeus e norte-americanos: Noam Chomsky, Anne Sassen, Michael Apple, Michael Young, Henryane de Chaponay, Gunther Kress, Alain Lipietz. Os temas se desenvolvem tendo como cenário as questões de fim de século como as mudanças no Leste Europeu, a crise do socialismo e do capitalismo, a crise dos paradigmas, a questão da mulher.

Não se trata de um livro que pretenda fazer uma análise crítica do que pensa e escreve cada um dos entrevistados, mas de redescobrir, pelo fluxo criativo do pensamento que se manifesta nas entrevistas, as pistas que levam a compromissos próprios, e que, apesar de singulares, convergem para a busca emancipatória comum de reinvenção da cultura, da política, da economia e da escola.

#### NEOLIBERALISMO, QUALIDADE TOTAL E EDUCAÇÃO

Pablo Gentili e Tomaz Tadeu da Silva (orgs.)

Rio de Janeiro: Vozes, 1996, 204 p.

Quatro edições em dois anos constitui um feito importante no panorama editorial do País. O livro, organizado por Pablo Gentili e Tomaz Tadeu da Silva, conseguiu essa marca.

Além de textos dos organizadores, a obra conta com artigos de Mariano Enguita, Gaudêncio Frigoto e Michael Apple. A reunião desses autores, de reconhecida capacidade teórica e crítica, explica por que — tanto para os críticos das atuais políticas educacionais, quanto para seus formuladores e defensores — essa coletânea tem se constituído em referência obrigatória.